

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA BAIXADA FLUMINENSE (PIBID / UFRRJ / BRASIL)**

**Leandro Dias de OLIVEIRA**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [UFRRJ] – Brasil

[ldiasufrj@gmail.com](mailto:ldiasufrj@gmail.com); [leandrodias@ufrj.br](mailto:leandrodias@ufrj.br)

**André Santos da ROCHA**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [UFRRJ] – Brasil

[asrgeo@gmail.com](mailto:asrgeo@gmail.com); [asrgeo@ufrj.br](mailto:asrgeo@ufrj.br)

**Para Felisbela Martins, uma inspiração na arte de formar professores de geografia!**

### **Resumo**

Este artigo está baseado nas reflexões construídas na execução dos trabalhos, sob nossa coordenação, do Subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Geografia do campus-sede articulado em torno da temática “A Geografia da Baixada Fluminense: Formação Docente e Práticas Educativas no Cotidiano Escolar”. Neste sentido, traz reflexões tanto das práticas de formação docente no âmbito da Licenciatura em Geografia da UFRRJ, *campus* Seropédica, quanto acerca da realidade escolar da região destacada.

**Palavras-Chave:** PIBID – Ensino de Geografia – Baixada Fluminense.

### **Abstract**

This article is based on the reflections of geography project of Institutional Program Initiation Grant to Teaching (PIBID) of Seropédica, which we are coordinators, with the theme “*The Geography of the Baixada Fluminense: Teacher training and educational practices at school*”. The article presents reflections on teacher training practices in the education of Geography in UFRRJ (Seropédica) and the school reality of the region studied.

**Keywords:** PIBID – Geography Teaching – Baixada Fluminense.

Ensinar geografia é, antes de tudo, um desafio de compreensão do entrelaçamento da realidade em múltiplas escalas: local, regional, nacional e global. No cotidiano desta ciência, entendendo-a para a prática da vida, o pensar, o refletir e o dialogar sobre o espaço estão como pautas principais, que sustentam o objetivo de indicar caminhos analíticos para o entendimento do mundo que vivemos. Todavia, esta realidade está em constante e acelerada

mutação, onde as mudanças prementes clamam por informações que se estendam para além de um saber enciclopédico, alcançando novos formatos de uso (como o caso da internet). Logo, um desafio é posto: como pensar a formação de professores em espaço-tempos cada vez mais velozes, onde a informação e as transformações urgem a cada instante?

Este texto baseia-se nas reflexões construídas na execução dos trabalhos, sob nossa coordenação, pertinentes ao plano de atividades do Subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Geografia do *campus*-sede articulado em torno da temática “*A Geografia da Baixada Fluminense: Formação Docente e Práticas Educativas no Cotidiano Escolar*”. Este projeto é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – CAPES, com bolsas para alunos da graduação, professores de rede básica e professores universitários, bem como ajuda financeira para execução das propostas do plano de trabalho na temática escolhida. A temática de nosso subprojeto, que se ressalte, está em consonância com as premissas do Plano Curricular Nacional de Geografia do Ministério da Educação e articulada com as próprias questões que cercam o campo da ciência geográfica, desdobrando-se em conhecimentos e/ou saberes sobre objetos e ações que se manifestam espacialmente.

Neste sentido, pensar a formação docente na Baixada Fluminense – recorte da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, estigmatizado pela pobreza e violência, mas que assiste atualmente uma reestruturação territorial-produtiva, urbana e de sua própria representação – envolve a necessidade de fomentar uma pedagogia que insira os sujeitos em sua escala de ação, o que implica no reconhecimento de seu espaço, sua história, de sua trajetória e suas singularidades, onde a leitura de mundo se torna obrigatória. A geografia, inserida no âmbito escolar, tem a possibilidade de articular no centro da formação (docente e discente) o pensar, o ler e o agir no mundo, a partir das categorias espaciais de paisagem, território, região e lugar.

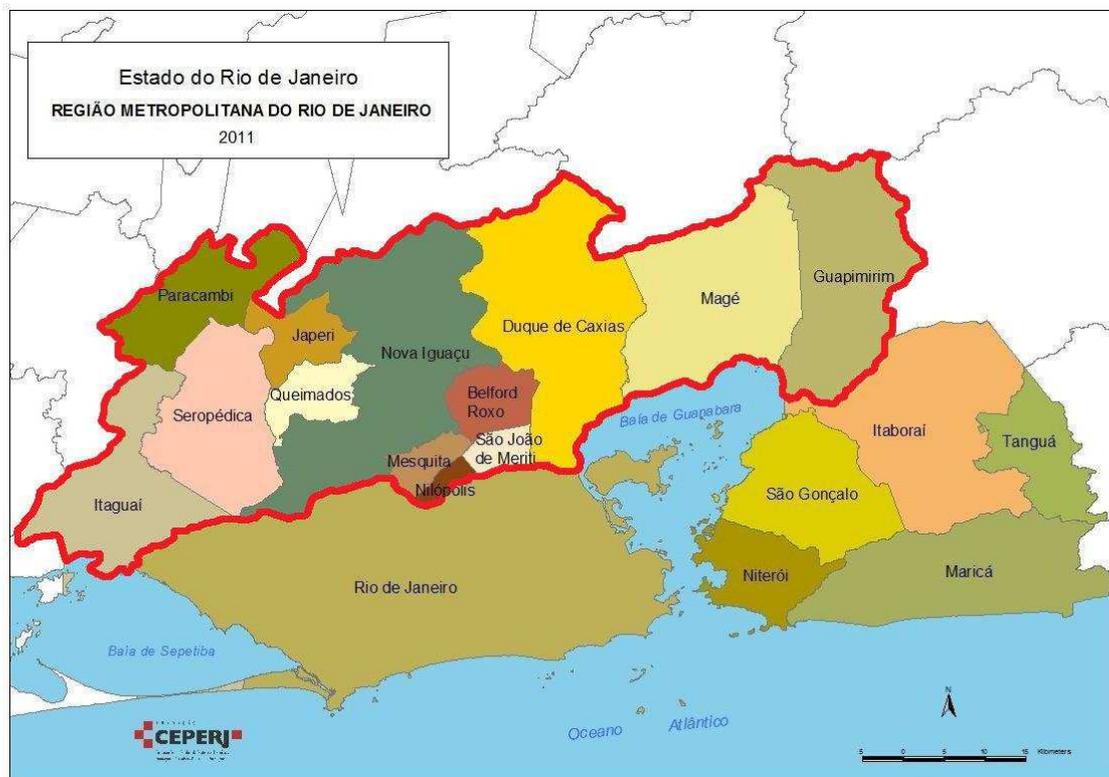
Trata-se, assim, de um projeto fomentado pelo governo federal para aproximar os bolsistas-discentes – alunos vinculados aos cursos de licenciatura – da prática docente nas escolas-parceiras, neste caso, situadas na cidade de Seropédica, inserida na Baixada Fluminense. São ao todo vinte e dois alunos bolsistas do curso de geografia – eram vinte e seis, mas cortes têm acontecido no programa, como veremos posteriormente –, três supervisores (professores de geografia) nas escolas-parceiras e várias turmas do ensino fundamental envolvidas na melhor formação pedagógica dos licenciandos, na requalificação dos docentes das escolas públicas por meio do constante contato com universo da academia e, destacadamente, na melhoria do ensino praticado no âmbito do ensino fundamental público.

Como objetivos, têm-se a reflexão sobre técnicas e metodologias no ensino de geografia na educação básica em associação com o estudo da geografia da Baixada Fluminense (RJ); o reconhecimento da realidade social, política e ambiental da Baixada como elemento transversal

significativo na rede pública, valorizando competências para leitura e escrita; a colaboração para a formação crítico-reflexiva do professor de ensino básico, a capacitação dos alunos de geografia (bolsistas) para o futuro ensino desta disciplina e a melhor formação dos alunos da rede municipal uma leitura geográfica do mundo que os cerca, com a construção de sujeitos críticos e atuantes.

### Baixada Fluminense: Uma região com grandes desafios

A Baixada Fluminense é a “periferia imediata” da cidade do Rio de Janeiro e apresenta índices alarmantes de déficit de moradia, nível de escolaridade, assistência médica, disponibilidade de equipamentos urbanos, entre outros. Todavia, no presente momento, vive um profundo processo de modernização-industrialização, com o aumento das exigências técnico-instrucionais da população e valorização do solo urbano. A Baixada assiste a incorporação em seu território de novas economias de aglomeração, com a requalificação da indústria – este modelo fadado a esconderijos espaciais e condenado pelo hegemônico modelo da sustentabilidade ambiental – como vetor de progresso em áreas mais pobres (OLIVEIRA, ROCHA, 2014).



**Figura 1:** A Baixada Fluminense no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

**Fonte:** Fundação Ceperj. Organização: PIBID – Geografia [UFRRJ / Seropédica].

Neste sentido, as atividades do PIBID, que abrangem docentes e discentes da UFRRJ, escolas parceiras e um grande conjunto de conexões de saberes, permite elencar os seguintes desafios para o Professor de Geografia cujo lócus de atuação seja a Baixada Fluminense:

- Refletir sobre as mudanças locais da geografia do trabalho, pautadas nas necessidades de capacitação e volatilidade dos trabalhadores;
- Apreciar a importância da atual “geografia dos transportes” regional, com base na logística que mudou a paisagem local e as dinâmicas produtivas;
- Estudar as novas teorias locacionais dos empreendimentos fabris e as atuais cadeias de produção, que inserem Seropédica no xadrez econômico estadual em mutação;
- Pensar o papel do lugar, um elo de fundamental importância na ordem mundial da globalização; neste item, a realidade de Seropédica, entre o rural e o urbano, entrecruza as ações globais e locais, e isto é o signo incontestado da ordem presente;
- Por fim, dialogar sobre o papel da natureza e a emergência da ideologia do desenvolvimento sustentável, que corrobora com a ideia de natureza-recurso e não rompe com seu eminente processo de obliteração.

Trata-se, sem dúvida, de uma agenda ambiciosa de reflexão. Todavia, entender este amálgama de processos e suas contradições é algo fundamental para o Ensino de Geografia do tempo presente. Seja para expressar as incoerências do discurso oficial e possibilitar a crítica circunstanciada, seja para permitir aos discentes – da UFRRJ e das escolas parceiras – uma leitura abrangente e bem referendada do que está ocorrendo no seu espaço vivido, a Baixada Fluminense se revela como importantíssimo material analítico para o Ensino de Geografia. As mutações territoriais e produtivas desta região estimulam iniciativas pedagógicas e metodológicas relevantes para a produção de materiais didáticos e, por que não, estimulam uma prática docente rica e transformadora.

Não é por outro motivo que estão entre os desafios do PIBID – Geografia – UFRRJ: [1] refletir sobre *técnicas* e *metodologias* no ensino de Geografia; [2] (re-) conhecer a realidade social, política e ambiental da Baixada Fluminense; [3] colaborar para a formação crítico-reflexiva do professor [supervisor] de ensino básico; [4] capacitar os alunos de geografia (bolsistas) para o ensino de Geografia no ensino básico; [5] proporcionar aos discentes da rede municipal uma leitura geográfica do mundo que os cerca. E como propostas centrais do PIBID – Geografia – UFRRJ, podemos destacar: [1] produzir material didático, com informações de pesquisa e caderno de atividades; [2] elaborar metodologias de ensino sobre a realidade da Baixada Fluminense; [3] realizar oficinas junto aos professores da Baixada Fluminense, *em especial de Seropédica*, sobre temas vinculados ao ensino de geografia; [4] integrar todos os envolvidos – professores e alunos da universidade e das escolas-parceiras – em atividades de culminância sobre temas de geografia; e, por fim, [5] estimular a iniciação científica dos bolsistas em assuntos relacionados ao universo escolar.

Partindo da metodologia da pesquisa-ação – que para além de um relato de experiência, é um conjunto de ações pensadas que permitem uma reflexão sobre a prática docente e a teoria – reverbera-se uma ação militante e ativa no processo de construção do conhecimento, onde pretendemos contribuir com o debate acerca do *Ensino de Geografia*. Em tempos de dificuldades mundialmente constituídas no âmbito da escola – seja na escala europeia, seja no território brasileiro – de trazer o graduando para o mundo do magistério e reforçar a crença em um ensino vigoroso e rico no âmbito fundamental, nosso interesse é apresentar as questões que permitam uma possível relação não-hierárquica entre universidade e escola, na qual o único “ente” privilegiado é a construção do conhecimento em suas múltiplas acepções.

### **A pesquisa-ação na formação do professor-pesquisador**

A construção de práticas de formação docente tem se remodelado nos últimos anos. As tendências contemporâneas esforçam-se em pensar metodologias na atividade do professor-pesquisador (MOREIRA & CALEFFE, 2006). Essa concepção se estabelece no encontro entre conhecimento pedagógico e as multidimensionalidades que envolvem experiências didáticas, o que reforça o papel das licenciaturas na consolidação de profissionais que destinam suas atividades a uma reflexão consistente de sua própria prática e transformam a sala de aula em um verdadeiro laboratório. Serão docentes capazes de uma reinvenção cotidiana de sua prática de operacionalização dos mais diversos problemas nas mais variadas escalas.

Diante do exposto, entendemos que a própria prática da formação do professor de geografia deve primar também por uma pesquisa sistemática tanto dos quadros teóricos da ciência quando das perspectivas práticas de modo ativo. Ou seja, o professor-pesquisador de geografia também é um ator importante da resolução dos problemas e na sua prática de pesquisa.

Partindo destas premissas, entendemos a importância da metodologia da pesquisa-ação (TRIPP, 2005; THIOLENT, 2009) tanto na formação quanto na prática docente do professor de geografia. David Tripp mostra que diante da popularização das pesquisas no campo das ciências o termo pesquisa-ação acabou sendo definido de forma vaga; afinal, a pesquisa-ação é uma forma de *“investigação-ação que utiliza técnicas consagradas de pesquisa que decide tomar para melhorar a prática”* (TRIPP, 2005, p. 447). Nelas estão associadas ações diretas, como planejar e agir, na investigação [descrever, analisar, avaliar] que permitem uma sistemática reflexão, tanto teórica quanto prática. Já Michel Thiollent também aponta que a pesquisa-ação representa uma *“terminologia acerca da qual não há uma unanimidade”* (THIOLENT, 2009, p.17), mas acrescenta que na pesquisa-ação os pesquisadores *“desempenham um papel ativo”*. Assim, em todos os momentos – planejamento, intervenção, avaliação e (re-)implementação das ações – o pesquisador necessita atuar de forma sistematizada.

Quando pensamos a pesquisa-ação na área da educação, ela se fundamenta eminentemente na operação prática e reflexiva das ações didáticas, onde se deve planejar (sistematizar teoricamente e organizar as ações), agir (intervenção a partir da reflexão) e avaliar (dimensionar a intervenção e “re”-sistematizar). Há na realidade um ciclo infinito que permite a continuidade entre teoria e prática.

A pesquisa-ação permite a valorização dos procedimentos, da participação integral na teoria e na prática (TRIPP, 2005), fazendo com que o professor-pesquisador, ao formular ações e avaliações de sua própria prática, torne suas atividades complexas e ricas. Como a própria essência da ciência geográfica se revela como complexidade, por tratar de relações existentes na multidimensionalidade do espaço, a empreitada assumida no âmbito escolar – quando pensada nas ações do subprojeto do PIBID de Geografia – articulam tanto a possibilidade de levantar temas e fomentar um saber complexo quanto “planejar”, “agir” e “avaliar” as ações pedagógicas numa contínua pesquisa-ação.

As práticas educativas são interpretadas como laboratórios e experiências. Essas são organizadas a partir de uma fazer sistemático onde são valorizadas: [i] planejamento orientado nos conceitos estruturantes da geografia – espaço, território, lugar, paisagem, região – e temas de importância categórica baseados no currículo e nas demandas das escolas; [ii] intervenção didática exposta a partir da formulação de oficinas didáticas, que são orientadas e construídas previamente, levando em considerações as realidades locais e nível de desenvolvimento das turmas; e [iii] avaliação organizada em torno dos principais problemas apresentados, recepção dos alunos e retroalimentação disto tudo como o intento de se retomar a reflexão inicial.

Como exemplo, a construção da oficina sobre “crise hídrica”, que reflete bem essa construção; em primeiro lugar, o tema retrata uma complexa relação de forças que, apresentada no cenário nacional em 2013 e 2014 – quando o Brasil viveu uma histórica crise de fornecimento de água domiciliar, à revelia do seu potencial hídrico, em grande parte causada pela incompetência da gestão pública na modernização dos sistemas coletores-distribuidores –, ganhou força explicativa nas aulas de geografia. Trata-se de tema cujos assuntos associados são variados: os problemas da expansão urbana, as práticas de uso e distribuição de recursos hídricos; a geopolítica da água externalizada na tensão entre a gestão de bacias; o problema do funcionamento e organização do complexo de sistemas de bacias hidrográficas, entre outras.

Ao apresentar elementos econômicos, políticos, sociais, culturais, ambientais que circundam a questão da crise hídrica, sistematicamente a complexidade ganhou espaço na construção da análise junto com os alunos. Evocamos como questão norteadora o problema pensar de que forma uma crise produziriam efeitos espaciais em nossa localidade – neste caso, a cidade de Seropédica. Essa discussão, que tem como pano de fundo um tema da Geografia Física, permitiu analisar a controversa, conflituosa e complexa trama da relação sociedade e natureza (CONTI, 2002). A ingenuidade de simplificar uma resolução em torno do desenvolvimento sustentável deu lugar a uma problematização sobre o valor social e político

deste recurso, dando espaço a um debate que amplia e torna mais complexa as relações explicativas da natureza geográfica. A avaliação desta oficina, que tomamos como exemplo, se revelou na observação *in loco* dos bolsistas e nas atividades propostas para os alunos, bem como na percepção sobre as práticas e estratégias de abordagem, que ampliaram as discussões de temas transversais e fomentou a articulação com a realidade local. Como efeitos diretos desta avaliação a pesquisa-ação se desdobrou num:

[a] *plano teórico e de pesquisa*, por traçar oportunamente iniciativas de refletir sobre este tema nos levou a teorizar e entender demandas locais, como, por exemplo, pensar que a cidade de Seropédica possui uma posição estratégica, numa geopolítica da água no estado do Rio de Janeiro, pelo fato de ser cortada pelo Rio Guandi, responsável pelo abastecimento em grande parte da região metropolitana (aproximadamente 9 milhões de pessoas);

[b] *plano prático-didático*, por formular materiais didáticos auxiliares a compreensão das bacias hidrográficas da realidade de Seropédica, em especial sobre a Bacia do Guandu e Guandu-Mirim, além da valorização dos problemas relacionados ao Aquífero de Piranema, localizado na cidade. Além disso, ocorreu a valorização do uso dos conceitos de região e território, proporcionando uma qualificada discussão sobre gestão e conflitos nas bacias hidrográficas.

Transformar as práticas educativas em dimensões de proveito teórico-analítico se torna hoje tanto um desafio quanto uma necessidade para reinvenção de nossas ações. Ao tomar a pesquisa-ação como metodologia das intervenções pedagógicas abre-se um amplo leque que permite pensar a formação docente e a função social do conhecimento científico, uma vez que tornamos parte do conhecimento operacionalizado as próprias dimensões cotidianas da escola.

### **Resultados, Conclusões, Lições**

As ações no âmbito do PIBID, antes de mais, reanimaram a aproximação entre Universidade e Escola; os laboratórios extravasaram os muros do *campus* universitário e adentraram as salas de aula dos ensinos médio e fundamental. As vozes de alunos e professores, antes restritas apenas ao asséptico ambiente acadêmico, passaram a ressoar na prática cotidiana do chão-da-escola.

Neste contexto, a Geografia encontrou um espaço para seu encontro tanto com a ação quanto com sua natureza complexa (MORIN, 2005 e 2006). Já não basta descrever lugares; torna-se necessário problematizar, refazer, reaplicar questões cotidianas, e a própria relação sociedade-natureza se revela complexa nas mais distintas especificidades do lugar. Assim, a

geografia não se torna refém da tirania da informação, e reemerge como conhecimento importante para a formação de sujeitos capazes de vivenciar e agir no mundo.

Entendemos que num processo contínuo de pesquisa-ação o pensamento complexo é delineado como uma possibilidade infinita. Na realidade escolar, parte dela se destaca pela reflexão sobre a posição de nossos alunos no mundo, seu horizonte espacial de ação e experiências cotidianas. Assim, o aumento do IDEB<sup>1</sup> da Escola Municipal José de Abreu, que passou de 3.1 para 3.8 no segundo segmento do Ensino Fundamental (onde ocorreu a atuação do PIBID Geografia), acima da meta estabelecida; a produção de dois trabalhos monográficos dos alunos participantes, além de artigos acadêmicos, oficinas e outros materiais didáticos; e a ampliação significativa de discentes optando pela licenciatura em Geografia (a opção entre bacharelado e licenciatura ocorre ao final do segundo semestre letivo) são fatos incontestes da importância do PIBID nas realidades acadêmica e escolar. São lições extraídas do PIBID – Geografia – UFRRJ: [1] Este programa tornou-se de fundamental importância o auxílio na formação qualificada dos futuros professores de Geografia e dos docentes da rede pública; [2] Deve-se estimular a inclusão dos estudos locais-regionais como recurso didático para aulas de geografia no ensino fundamental e médio; [3] É possível, ainda que com recursos não-tecnológicos mas com muita imaginação, produzir *materiais didáticos* para professores e alunos no campo da Geografia; e [4] a ampliação do diálogo com os professores de geografia do ensino básico com a universidade permite o enriquecimento da própria Geografia como “Ciência” e como “Saber”.

### **Epílogo: Em favor do PIBID e da Política Nacional de Valorização da Formação de Professores**

Fruto dos esforços do desenvolvimento das atividades do subprojeto de Geografia [campus-sede] do PIBID / CAPES – [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob nossa coordenação, este artigo reúne tensionamentos de pesquisa, análise empírica e práticas no que se refere ao ensino de geografia. Desde a origem, havia o desafio de fomentar uma pedagogia capaz de inserir os sujeitos em sua escala de ação, com o reconhecimento de seu espaço, sua história, de sua trajetória e suas singularidades, onde a leitura de mundo se tornasse, assim, obrigatória.

As reflexões aqui suscitadas, ainda que de maneira simples, humilde e didática, refletem o triunfo de uma política educacional que deve ser continuada, celebrada e ampliada, cujos números reveladores estão expressos no Quadro 1. Em tempos que indicam cortes – palavra nefasta que geralmente implica em sangrar os programas sociais em prol de outros

---

<sup>1</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, calculado com base na taxa de rendimento escolar (aprovação e evasão) e no desempenho dos alunos no SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e na Prova Brasil.

investimentos – é de fundamental importância celebrar o sucesso do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, que não somente permitiu a melhor formação de futuros docentes de educação básica como ocasionou a valorização do magistério – algo que vem sendo vilipendiado das mais diversas maneiras; da mesma maneira e com a mesma qualidade, aproximou academia e escola, e reduziu o estranhamento entre estes universos historicamente estanques com a imersão dos licenciandos nas mais diversas unidades de ensino básico de Seropédica; incentivou os professores-supervisores a refletir teoricamente para além do cotidiano escolar; fez de cada aula um exercício intelectual constante, com métodos, práticas, exercícios, exposições e trabalhos que somente com o incentivo do programa saíram das inquietas mentes dos estudantes; ocasionou o diálogo entre teoria e empiria, leitura e ação, conceito e prática, ensino e aprendizagem, universidade e escola, geografia e práxis educativa. A consolidação do LAGEPPE – Laboratório de Geografia Econômica e Política e Práticas Educativas [UFRRJ], sob nossa coordenação, é tributária dos esforços do PIBID, bem como o próprio aprofundamento de nossas reflexões acerca da reestruturação territorial e produtiva e da própria leitura desta grande região, marcada por diferenças, lutas e complexas necessidades, denominada Baixada Fluminense.

O PIBID é uma política pública – de “Governo”, e não de “Estado”, e, portanto, suscetível a mudanças, seccionamentos e mesmo extinção de acordo com os interesses políticos do grupo no poder – que tem como meta contribuir, de maneira indissociável, para a formação de professores no Brasil e melhoria da Educação Básica. Tem como objetivos: [a] permitir uma real possibilidade de diálogo escola-universidade de forma não hierárquica; [b] estimular a permanência na universidade dos alunos menos abastados pela concessão de bolsa e possibilitar a formação continuada dos professores supervisores, por meio de palestras e atividades conjuntas.

**Quadro 1: Informações Gerais – PIBID 2014 – Brasil**

Tipo de Bolsa	Pibid	Pibid Diversidade	Total
Iniciação à Docência	70.192	2.653	72.845
Supervisão	11.354	363	11.717
Coordenação de Área	4.790	134	4.924
Coordenação de Área de Gestão	440	15	455
Coordenação Institucional	284	29	319
Total	87.060	3.194	90.254

Fonte: CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/relatorios-e-dados>.

Acesso em: 03 de janeiro de 2015.

Todavia, já em seu discurso de posse como Ministro da Educação, em 07 de outubro de 2015, após longo período coordenando a Casa Civil da Presidência da República, Aloizio Mercadante anunciou – em tom ameaçador, para quem possui experiência nos acertos históricos do Brasil nos programas de ordem social – que iria “rever o PIBID”<sup>2</sup>. O sentido de “rever” tem se confirmado como “cortar”, com exclusões que podem atingir, ainda no ano de 2016, mais da metade dos bolsistas envolvidos no programa, segundo informações oficiais coletadas nos próprios boletins internos do programa.

Não é por outro motivo que ressaltamos que, à revelia do impacto local-regional destas análises, este trabalho se insere no grande conjunto de reflexões que atestam a qualidade do PIBID. O que apresentamos aqui é apenas um exemplo do seu potencial, que consiste em pensar cada escola, cada bairro, cada universidade, cada cidade, assim como cada discente [seja da unidade de ensino básico, seja da universidade] e cada professor como um importantíssimo elo na generosa missão de educar. A continuidade do PIBID tornou-se um exame das reais intenções do governo que está há mais de uma década no poder: a opção ou não pela educação, pelo investimento na base e pela transformação social.

### Referências Bibliográficas

CONTI, José Bueno (2002). A geografia Física e as relações sociedade-natureza no mundo tropical. In: CARLOS, Ana Fani (Org.) *Novos Caminhos da geografia*, pp.9-26. São Paulo: Contexto.

MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, Edgar (2005). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

MORIN, Edgar (2006). *A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

OLIVEIRA, Leandro Dias de; ROCHA, André Santos da (2014). “Neodesenvolvimentismo” e reestruturação produtiva: O processo de reordenamento territorial no Oeste Metropolitano Fluminense (Rio de Janeiro, Brasil). In: PINA, Helena; REMOALDO, Paula; RAMOS, Maria Conceição; MARQUES, Helder. (Orgs.). *Grandes Problemáticas do Espaço Europeu: Diversidade territorial e oportunidades de desenvolvimento num cenário de crise*, pp. 126-142. Porto: Editora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

---

<sup>2</sup> “Ao mesmo tempo, outro reconhecido programa complementar na formação de professores, o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que atende hoje 90 mil bolsistas, retém apenas 18% de seus egressos como professores da educação básica pública. Vamos rever o PIBID”. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=23971-discruso-de-posse-mercadante-pdf-1&category\\_slug=outubro-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=23971-discruso-de-posse-mercadante-pdf-1&category_slug=outubro-2015-pdf&Itemid=30192). Acesso em 03 de janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Leandro Dias de (2015). Os desafios do ensino de geografia em tempos de reestruturação territorial-produtiva da cidade de Seropédica. In: GRANHA, Gustavo Souto Perdigão; FAZOLLO, Sara Araújo Brito; MORAES, Francisco José Dias de; SILVA, Wanderley da; JORGE, Vladimir Lombardo (Orgs.). *O PIBID da UFRRJ: formação docente e práticas pedagógicas inovadoras em sala de aula*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.

ROCHA, André Santos da (2015). Pesquisa-ação, complexidade e a geografia: práticas pedagógicas cotidianas. In: GRANHA, Gustavo Souto Perdigão; FAZOLLO, Sara Araújo Brito; MORAES, Francisco José Dias de; SILVA, Wanderley da; JORGE, Vladimir Lombardo (Orgs.). *O PIBID da UFRRJ: formação docente e práticas pedagógicas inovadoras em sala de aula*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.

THIOLLENT, Michel (2009). *Metodologia da pesquisa-ação*. 17ª ed. São Paulo: Cortez.

TRIPP, David (2005). Pesquisa-ação: uma introdução Metodológica. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.3, 443-466.